

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

二〇〇〇年四月五日
二〇〇〇年四月五日

Museu Egípcio, que é actualmente um dos mais ricos da Europa e pode orgulhar-se de ter tido os conselhos e a colaboração de Champollion, que lá trabalhou em 1824-1825, levando à prática as suas descobertas filológicas. Por isso, bem se pode reconhecer que "l'égyptologie, née en France, fait ses premiers pas à Turin" (p. 241).

Os nomes de Schiaparelli, Farina, Scamuzzi, entre outros, são lembrados em "L'agrandissement des collections" (pp. 247-264), terminando com "Le siège du musée" (pp. 265-277), que traça o percurso das antiguidades egípcias desde as suas primeiras instalações no Palácio da Universidade, num espaço cada vez mais exíguo devido ao contínuo aumento do acervo, até à sua transferência para o Colégio dos Nobres, depois atribuído à Academia das Ciências, onde hoje está instalado o Museu Egípcio de Turim.

A Obra vai concluir-se com a bibliografia (pp. 278-283) e com o índice de nomes e de lugares (pp. 284-288). Os poucos reparos que se poderão fazer são motivados pelas discrepâncias na redacção de alguns nomes: servem de exemplo os casos do funcionário Sénenmout, assim correctamente escrito na sua forma francesa na p. 191, surgindo depois no índice como Sénemnout (p. 288); Sennedjiem (p. 255) e no índice Sennégjiem (p. 288); o nome da deusa Hathor aparece adulterado na p. 255 como Athor. Registe-se finalmente que a estátua colossal que na p. 240 se apresenta como sendo de Seti I pertence de facto a Seti II, como certifica o prenome inscrito na cartela: Userkheperuré-meriamon.

Lúis Manuel de Araújo

JOSEP PADRÓ (dir.), *Nilus*, nºs 1 e 2, Societat Catalana d'Egiptologia, Barcelona, 1992-1993, 30 pp., ISSN 1133-53-43

A Societat Catalana d'Egiptologia, cujos membros estiveram em Lisboa em Abril de 1989 para visitar a colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia (na altura ainda em estudo e preparação para exposição) e o Museu Calouste Gulbenkian, valorizou as suas actividades com a criação de uma revista a que deu o nome de *Nilus*. Iremos apreciar os dois números que até ao momento (1994) foram editados, correspondentes a 1992 e 1993.

O primeiro número começa com um texto de apresentação da autoria de Josep Padró, egiptólogo e professor da Universidade de Barcelona (Faculdade de Geografia e História) e director do novo boletim, o qual, não tendo a intenção de ser uma revista científica de Egiptologia, se propõe receber trabalhos com um mínimo de qualidade científica e de interesse para levar a cabo os seus propósitos informativos e divulgadores (p. 3).

Com "La Transcripció catalana dels noms propis egipcis", Josep Padró e Concepció Piedrafita propõem soluções para resolver um problema que também se depara a autores, tradutores e editores de outros países: a passagem dos nomes próprios egípcios para as escritas actuais. A iniciativa dos investigadores catalães é compreensível e desejável, procurando autonomizar as transcrições do egípcio antigo para o catalão, fazendo afinal aquilo que, desde há muito tempo, fizeram ingleses, franceses, alemães, italianos, etc. Desta forma, as obras de temática egiptológica editadas na Catalunha poderão oferecer aos seus leitores novas formas directas de transcrição estáveis e uniformizadas, em vez de estarem, como em Portugal ainda se faz, a utilizar exógenos métodos de transcrição adoptados por ingleses, alemães, italianos ou franceses para as suas próprias (e diferentes) prosódias e formas ortográficas. No caso em apreço é mencionado o típico exemplo de š (correspondente ao signo □) que se torna *sch* em alemão, *sh* em inglês e *ch* em francês (pp. 4-11).

Ramiro Doce i Goicoechea é o autor do estudo seguinte, sobre "El Paleolític de la Vall del Nil i del Desert Occidental" (pp. 12-17), percorrendo o longo período iniciado há 400000 anos, em pleno Paleolítico Inferior, o Paleolítico Médio (100000-30000 a. C.) e o Paleolítico Superior (30000-9000 a. C.), referindo-se para o Paleolítico Superior Final as indústrias macrolíticas e as microlíticas, as quais se prolongarão pelo Epipaleolítico.

A interessante e boa "Colección Jordi Clos de Arqueología egipcia (Barcelona)" é aqui parcialmente divulgada por Luis M. González, com imagens de algumas das peças expostas (pp. 18-23). A seguir, o falecimento do egiptólogo argentino Ricardo Caminos é anunciado por Josep Padró ("En record de Ricardo A. Caminos", p. 24), que também redigiu "Crònica de l'antic Egipte, circa 3100-3000 a. C." (pp. 25-26).

Carme Cardona noticia que "El Govern Egipci homenatja la Societat Catalana d'Egiptologia" (pp. 27-28) e Marta Puvill relata as actividades da

referida Societat entre 1988 e 1991, sendo de notar as muitas conferências, reuniões, cursos, viagens e exposições levadas a efeito (pp. 29-30).

O segundo número da revista, de 1993, abre com o Editorial de Josep Padró (“El pròxim Orient i Espanya, dos desconeguts”, pp. 3-4), após o que um sucinto “Informe preliminar sobre la campanya d’excavacions de 1992 al jaciment d’Oxirrinç (El Bahnasa, provincia de Minia)”, com várias fotografias do local das escavações, nos dá conta dos trabalhos da equipa que assina o texto: Josep Padró, Mahmud Hamza, Luís M. González, Eva Subias, Marguerite Erroux-Morfin, Maria Teresa Mascort, Maria Angels Taulé e Hassan Ibrahim (pp. 5-15). Os trabalhos até hoje levados a cabo auguram o aparecimento de resultados positivos que certamente irão enriquecer o conhecimento egiptológico.

Nadine Guilhou, da Universidade Paul Valéry, Montpellier, apresenta-nos “Un rite bien étrange: La mutilation rituelle du veau lors des funérailles” (pp. 16-17), um rito de amputação da pata anterior direita de um vitelo figurado em diversas imagens tumulares, ligado à importante cerimónia da “abertura da boca”, e que, segundo a autora, tinha apenas um valor ideológico pois não seria na realidade executado: “en effet, pour les anciens Égyptiens, l’image, le geste symbolique, la représentation, avait valeur réelle”.

A contribuição de Francesca Berenguer inclui-se na secção “Llocs d’Egipte” com o título de “Speos Artemidos (Beni Hassan)”, focando um importante sítio do Médio Egipto ligado à rainha-faraó Hatchepsut que aí mandou rasgar o templo rupestre conhecido mais tarde pelo nome de Speos Artemidos, dedicado à deusa leoa Pakhet. Grande parte do valor desse espaço sagrado fica a dever-se ao facto de entre as inscrições gravadas se aludir à expulsão dos Hicsos, acção que marca o início do Império Novo (pp. 18-22). A secção de “Hemeroteca” (p. 23) propõe-se oferecer aos leitores recortes da imprensa que tratem de notícias ou assuntos relacionados com o Egipto, avisando que “els retalls periodistics que es publiquin en aquesta secció no tenen altre interès que el de la curiositat”. No caso presente, o recorte publicado, com o título de “Ayudó Moisés a Egipto?”, saíra em *Destino* (nº 1685, de 17-1-1970). Continuando o projecto anunciado e iniciado no n.º 1, Josep Padró assina a sua “Crònica de l’antic Egipte, circa 3000-2900 a. C.” (p. 24).

Nas últimas páginas de *Nilus*, dedicadas ao noticiário, Maria Teresa Mascort recorda a homenagem que a Associació Hispano-Egípcia prestou a Josep Padró e a Jordi Clos pelas suas actividades em prol da

egiptologia e de um maior aprofundamento das relações entre o Egipto e a Espanha, neste caso concreto com a Catalunha (p. 25); Joan Beltran i Reguera apresenta-nos a “Memória d’actividades culturals desenvolupades en els darrers anys 1991-1993” (pp. 26-28), referindo os cursos, conferências, reuniões e viagens organizadas pela Societat Catalana d’Egiptologia; finalmente, Josep O’Callaghan evoca-nos a memória do jesuíta Sebastià Bartina i Gassiot (1917-1992), orientalista que muito se destacou no domínio da filologia e papirologia (p. 29).

Restará vaticinar esperançosamente que a nova revista da Societat Catalana d’Egiptologia possa continuar a ser editada com a regularidade que os seus mentores auguram e que os leitores certamente desejam, porque, acompanhando aqui as palavras de apresentação inseridas no primeiro número (p. 3), também estamos convictos que *Nilus* “podrà gaudir d’una llarga i regular existència”.

Luis Manuel de Araújo

JAROMIR MÁLEK, *The Cat in Ancient Egypt*, The Trustees of the British Museum, Londres, 1993, 144 pp., ISBN 0-7141-0969-X

Jaromir Málek, egiptólogo de origem checa vivendo em Inglaterra desde inícios dos anos 70, actualmente responsável pelos valiosos arquivos do Griffith Institute (Ashmolean Museum, Oxford), oferece-nos com este livro um atraente tema, profusamente ilustrado e com a alta qualidade gráfica das edições do British Museum. O tema da obra em apreço é o gato, esse verdadeiro aristocrata entre os animais domésticos que com as pessoas convivem. Trata-se aqui do gato egípcio, que teve a sua origem no gato selvagem africano (*Felis silvestris libyca*, também chamado *Felis maniculata*). A palavra egípcia para designar o gato era *miw* ou *mii*, cuja prosódia, em clara onomatopeia transcrita, seria *miau* ou *miéu*. A forma feminina era *miit*. Depois, a evolução linguística do demótico transformou o gato em *imi*, para em copta passar a *emu* ou *amu* (p. 25). O interesse pela temática aqui apresentada resulta do facto de o antigo gato egípcio ser o antepassado dos nossos gatos actuais e justifica-se ainda porque “our modern cat represents one of the few remaining links between the ancient Egyptian civilization and the completely different world of today” (“Prologue”, p. 14).